



Primeiro ano

I

Que das chanas ou dos montes  
Dos vales ou dos rios  
Não nos venham mais lamentos

Jubile o povo na terra liberta  
Onde os heróis repousam

II

Os olhos do povo  
Tinham questões mudas  
Mas os poetas ousados  
Falaram de impérios  
Falaram de tronos  
Potentados imensos  
Na areia apagados

Chegara o tempo  
E esta era a hora

Quatro de Fevereiro  
De sessenta e um  
Incendiou a chama  
O tufão alastrou pelo solo pátrio  
Tocou os pontos cardeais  
E implantou-se no leste  
Nas chanas feitas rios  
Ou ressequidas pelo sol escaldante  
Foi aí  
Que a batalha decisiva  
Foi ganha  
E se acordou a paz

III

Quem sabe da suspensão dos instantes  
Em cada instante  
Nos primeiros passos inseguros?

Como contar-vos dos perigos  
Do trabalho clandestino  
Em países hostis!  
Como o coração batia  
Ao passarmos as armas  
Para o solo de Angola  
Benedito  
Escondido de dia  
Protegido com a noite  
Por caminhos secretos

Quatro destacamentos  
Para o norte  
Quatro destacamentos  
Só dois chegariam!  
Quando os mortos um dia  
Voltarem a ter voz  
Na História de Angola  
Sabereis o valor  
Dos filhos tombados

Como dizer-vos  
Dos sacrifícios enormes  
Dos nossos Dirigentes  
Dos nossos guerrilheiros  
E do povo  
Que connosco  
Construía a liberdade

O sacrifício era grande  
Mas sabíamos que com o MPLA  
Seríamos livres  
Sem dominação

Quando havia missões  
Com roupas ou de cascas vestidos

Sem fome ou com ela  
Os pés caminhando  
Nas areias sem trilho  
Dávamos-te Angola  
A nossa alma pura  
E o esforço de um filho

E quando no rio  
Nas canoas frágeis  
Sem saber nadar  
E a corrente impedia  
De tocar as margens  
E se a arma caísse  
Tínhamos de a apanhar  
Da garganta do rio  
Chegar a terra firme  
Era a vida reencontrar  
Se não houvesse emboscada

O nosso armamento  
E tudo o necessário  
Atravessavam  
A África Austral  
E do leste seguiam  
Para todas as frentes

3000 km de Dar a Lusaka  
E ainda o que falta  
De Lusaka a Sikongo  
E de Sikongo  
Às primeiras linhas

Meses que se andavam  
Com a mochila ao ombro  
Com o armamento  
E com os mantimentos  
Até avistar as Bases

A nossa logística  
Tinha dificuldades tremendas  
Superámos as distâncias  
Com burros a que cortámos a voz  
E trote que trote  
Cumpriam as missões  
Como companheiros

Ai ué! Sacrifícios sem conta  
Que não se pode contar

Bombas que caíam  
E matavam os nossos  
Napalme que queimava  
As nossas colheitas  
Jacarés que espreitavam  
Os corpos desfeitos  
Fugindo medrosos  
Das lavras sem vida

Onde estava a coragem  
Depois do massacre  
Dos nossos companheiros?

Mas era preciso  
Caminhar em frente  
E o inimigo vencer

E de novo um punhado  
Com uma fé sem limites  
Retomava a coragem  
E planos fazia  
Para a guerra avançar

O imperialismo  
Enviava para Angola  
Armamento moderno  
E comprava os traidores  
E eles sem honra  
Sem povo  
Sem Pátria  
Vendiam-se  
Por trinta dinheiros

IV

Nos momentos tristes  
Os guerrilheiros cantavam  
□ Queria-me casar  
Mas não tenho o que ofertar  
Só tenho a estrela  
Que na nossa Bandeira  
Eu vou defender  
Mesmo que para isso  
Tenha de morrer

O tempo passava  
A guerra aumentava  
E também a certeza na Vitória

V

Que venha o eco contar  
Agora  
Das chanas ou montes  
Dos vales ou das pontes  
E que diga das atrocidades

Dos traidores angolanos  
Monstros desumanos  
Demónios  
Disfarçados de pombas  
Que conte  
Do mercenarismo  
E da vitória do povo  
Sobre o imperialismo

Peço aos que mais se lembrem  
Que continuem a história  
Para a História de Angola  
Aos meninos relembrar.

Luanda, 2-7/11/1976